

Octávio de Freitas e as crônicas médicas em Pernambuco

Octávio de Freitas and the medical chronicles in Pernambuco

Bruno Marcio Gouveia
Mestre em História
Universidade Federal de Pernambuco
brunomellotto@yahoo.com.br

Recebido em: 05/07/2020

Aprovado em: 14/08/2020

Resumo: Este artigo analisa a produção textual, em formato de crônica, do médico e sanitarista Octávio de Freitas, nas primeiras décadas do início do século XX. O respectivo médico teve sua formação acadêmica entre as Faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, durante o final do século XIX. Por meio de sua atuação em cargos públicos, no Estado de Pernambuco, Freitas deixou um legado textual imenso. Tal fato viabilizou a circulação de sua palavra escrita de maneira intensa. Utilizando o conceito de campo do teórico francês Pierre Bourdieu constatamos que Octávio de Freitas fazia parte do campo da medicina alopática, que estava se estruturando em princípios do século XX, constituindo as crônicas médicas um dos recursos utilizados pelos médicos para a divulgação dos saberes microbiológicos.

Palavras-chave: Freitas, Octávio de, 1871-1949; Crônicas médicas; Medicina alopática.

Abstract: This article analyzes the textual production, in a chronicle format, by the doctor and sanitary practitioner Octávio de Freitas, in the first decades of the early 20th century. The respective doctor had his academic training between the Medical Faculties of Bahia and Rio de Janeiro, during the late 19th century. Through his work in public office in the State of Pernambuco, Freitas left an immense textual legacy. This fact enabled the circulation of his written word in an intense way. Using the field concept of the French theorist Pierre Bourdieu, we found that Octávio de Freitas was part of the field of Allopathic medicine, which was being structured in the early 20th century, with medical chronicles being one of the resources used by doctors for the dissemination of microbiological knowledge.

Keywords: Freitas, Octávio de, 1871-1949; Medical chronicles; Allopathic medicine.

Contextualizando Octávio de Freitas

O médico Octávio de Freitas (1871-1949) não era natural de Pernambuco, nasceu em Teresina Estado do Piauí, entretanto a vinda de sua família, quando ele possuía somente 8 anos de idade, possibilitou sua vinculação afetiva com esse Estado, onde permaneceu até concluir os estudos básicos. Filho de magistrado e político, o respectivo médico ingressou na *Faculdade de Medicina da Bahia* em 1886, onde permaneceu por apenas um ano, transferindo-se no ano seguinte para o curso médico no Rio de Janeiro, após reprovar na disciplina de física e segundo seus relatos sentir-se “injustiçado”. (FREITAS, 1940).

Foi um estudante atuante, participando de clubes estudantis e dos eventos importantes pelos quais o país passava. Em suas memórias ele relembra seu envolvimento com o movimento abolicionista, que culminou com o 13 de maio de 1888, e os eventos relacionados à proclamação da República em 1889. Freitas relata em seus escritos autobiográficos as impressões em torno do evento de instauração da República brasileira¹:

Corri eu também para Rua do Ouvidor, com os demais alunos, para saber o que havia de novidade. Regozijo geral ou bestialização, como depois afirmou, desanimado, pelos jornais o Aristides Lobo!

Todo mundo bebia qualquer coisa para esquentar os nervos. Todo o mundo contava não sei quantas bravatas... dentro dos cafés. Um punhado de heróis.

Citava-se muito baixinho, com medo ou com orgulho, as palavras enérgicas do Visconde de Ouro Preto, respondendo as inventivas do general Deodoro: - Não é só no campo de batalha que bem pode se servir à pátria e por ela fazer-se sacrifício. Repetia-se, meio atônitos, a frase de Deodoro, ao entrar no Quartel General: - Abaixo o Ministério; viva o imperador! E a Emenda de Benjamin Constant: - Viva o imperador, não, General. Viva a república!

E, no meio dessa confusão, desta barafunda sem fim, proclamaram a mudança do regimen semi-secular, sem protestos, sem ameaças e até mesmo com a tácita sanção dos antigos políticos de ambos os partidos da monarquia os quais repetiam, uns para os outros, a frase que depois se tornou clássica sensaborona: - A República é um fato consumado” (FREITAS, 1940, p. 66-67).

¹ Optamos pela atualização ortográfica nos documentos citados neste artigo.

Esses acontecimentos viabilizaram a elaboração de experiências importantes para os desejos e expectativas do homem que buscava se tornar, principalmente em relação a questões de natureza políticas.

Ao graduar-se em 1892, Octávio de Freitas recebeu alguns convites para permanecer no Rio de Janeiro ou na região sudeste, todavia decidiu regressar ao Recife para dar início a sua carreira. Em seu relato autobiográfico, como recém-formado, ele enfatiza o peso do vínculo afetivo com o Estado e com sua família, por meio das seguintes palavras:

Queria e deveria vir para Pernambuco. Aqui era o lugar ao qual eu tinha obrigações de dedicar a minha atividade. A ele eu estava já ligado por uma grande afeição e por um grande reconhecimento, pelo muito que este Estado havia feito por mim e por meu pai e pela minha família.

Além disso aqui vivia a minha mãe que tudo sacrificara para me ver formado em medicina. E como, então, eu havia de abandonar um e outra, justamente quando eu esperava ficar em condições de poder prestar os meus serviços ao primeiro e auxiliar e confortar a outra?

Sabia que nos outros lugares em que me ofereceram colocações eu faria carreira muito mais depressa e mais vantajosamente. Mas, isso não me fascinava absolutamente. Pernambuco e minha família dominavam completamente o meu pensamento e eu não levaria em conta vantagens que me fizessem exercer a minha atividade profissional em outra terra que não fosse aquela que eu já considerava como minha (FREITAS, 1940, p. 93-94).

Seus primeiros anos na vida profissional, de acordo com os seus relatos, foram atribulados devido às limitações de recursos e oportunidades de trabalhos. Somente em 1894, após uma viagem que fez à Europa, Freitas viu sua carreira começar a despontar, ao ser nomeado ajudante do superintendente de Higiene Municipal e ocupar o cargo de médico adjunto do *Hospital Pedro II* em Recife.

Além de médico e sanitarista, Octávio de Freitas desenvolveu outras atividades profissionais em Pernambuco: jornalista, cronista, demógrafo e professor na *Faculdade de Medicina do Recife*. Deixou escritos, resultados de pesquisas médicas, livros que debatem acerca do papel do médico na sociedade, história da medicina e da cultura pernambucana, relatórios técnicos e textos publicados nos principais jornais locais da época, como o *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife* e o *Diário da Manhã*.

Freitas fez cursos de aperfeiçoamentos fora do país e participou de congressos na busca pelo aprimoramento dos conhecimentos bacteriológicos. Seu legado tem interessado a diversos pesquisadores que se debruçam sobre a História de Pernambuco, nas primeiras décadas do século XX. Ele é considerado por seus memorialistas como um dos elementos basilares na aplicação da medicina microbiana e higienista em Pernambuco (AGUIAR, 1993).

Nessa diretriz, Octávio de Freitas fundou e dirigiu instituições importantes no Estado de Pernambuco, durante o início do século XX, baseando-se nos princípios da medicina alopática em ascensão. Dentre essas instituições podemos citar *A Liga Pernambucana Contra a Tuberculose*² que sob a sua gestão construiu e colocou em funcionamento três dispensários na capital pernambucana: *Dispensário da Tuberculose Octávio de Freitas* (1904), *Dispensário Lino Braga* (1913) e o *Dispensário do Derby* (1937). Essas instituições atenderam à população com baixo poder aquisitivo durante os seus períodos de funcionamentos.

Outro órgão importante na agenda da aplicação dos princípios da medicina científica deu-se por meio do *Instituto Pasteur de Pernambuco*, que entrou em funcionamento em 1899, sob a direção do médico Rodolpho Galvão e auxiliado por Octávio de Freitas. Com a saída de Galvão, a convite da *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, para assumir a cadeira de microbiologia dela, Freitas tornou-se o diretor do instituto. O *Instituto Pasteur* assumiu lugar de destaque em seus primeiros anos de funcionamento, atendeu, inclusive, a demanda de outros Estados por ser o único posto que oferecia profilaxia antirrábica na região.

Freitas foi um dos principais responsáveis pela fundação da *Faculdade de Medicina do Recife*, congregando esforços, inclusive do ponto de vista legal para a autorização do funcionamento do curso médico em Pernambuco. Tornou-se o seu primeiro diretor, em 1920, onde proferiu o discurso na aula inaugural da instituição e lecionou a disciplina de microbiologia dela (FREITAS, 2010).

² *A Liga Pernambucana Contra a Tuberculose* (LPCT) foi fundada por Octávio de Freitas em agosto de 1900. A instituição tinha o caráter beneficente e assistencialista promovendo diversas campanhas com objetivos de angariar fundos para a execução dos seus projetos. A LPCT funcionou até o ano de 1991 quando houve a mudança de seu estatuto de funcionamento e passou a ser denominada de *Centro Médico Octávio de Freitas* (CEMOF), assumindo um novo perfil institucional.

Esteve por diversas vezes à frente dos órgãos de saúde do Estado, a saber: *Inspetoria de Higiene do Estado de Pernambuco* em 1905 e 1908. Sendo assim, sua atuação mais lembrada deu-se em 1918 quando assumiu a *Diretoria de Higiene do Estado de Pernambuco*, devido ao falecimento do diretor da época Abelardo Baltar, durante a Epidemia da Gripe Espanhola, que assolou o Estado de Pernambuco e levou a óbitos, em meio a controvérsias, a estimativa de 1.250 enfermos no Recife (FREITAS, 1919). Octávio de Freitas tomou, então, diversas medidas, registradas em ofícios e relatórios, no combate ao surto epidêmico da Espanhola³. Todavia, cabe ressaltarmos que ocorreram diversas críticas em torno de sua atuação, combatidas por ele na imprensa local. Contudo, é preciso destacar e ponderar as limitações do saber médico, que ficaram em evidências naquele contexto dramático, que irrompeu o cotidiano de diversas cidades ao redor do mundo. Por outro lado, é preciso destacar que ao defender-se na mídia impressa da época afirmando que estava cumprindo com rigor as determinações do regulamento de higiene (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1918, p. 3), Freitas buscava exercer um lugar de autoridade científica que reivindicava pra si por meio do lugar profissional em que ocupava, suprimindo, desse modo, as diversas controvérsias e problemáticas que envolvem a aplicação e produção do saber médico-científico.

Nesse sentido, foi em princípios do século XX, momento em que o campo científico⁴ brasileiro estava formulando-se, que os médicos e higienistas tornaram-se, aos poucos, elementos cruciais na elaboração de instrumentos que visavam atender às transformações pelas quais o país passava. Foi dentro dessa dinâmica que se criou a necessidade do cientista dentro da especialização das atividades intelectuais. Octávio de Freitas, sendo assim, faz parte desse contexto em que os conhecimentos microbiológicos estavam adquirindo destaque, constituindo a produção textual dele um elemento importante para analisar e entender os construtos teóricos da época em que atuou profissionalmente.

³ Esta documentação encontra-se disponível para consulta no *Arquivo Público Estadual Jordão Hemeréciano* (APEJE). Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997), localizado na R. Imperial, 1069 - São José, Recife - PE.

⁴ Ancoramo-nos na teoria de Pierre Bourdieu (1998) que define o campo científico como o lugar de disputa pelo monopólio da autoridade científica. Desse modo, é preciso esclarecer que o processo de legitimidade científica é também composto por um conjunto de interesses, que inclusive podem ser oriundos das demandas de outros campos. Essa disputa permite a construção de redes de sociabilidades, tanto do ponto de vista da cooperação quanto na produção de possíveis intrigas. Assim, os diversos sujeitos que fazem parte de um determinado campo encontram-se em diferentes posições hierárquicas dentro dele.

Seguindo essa linha de raciocínio, Almeida (2006) aponta que nos princípios do século XX houve a elaboração de um movimento de intercâmbio científico e organizacional no campo da medicina. Dessa forma, houve a construção de redes que viabilizaram o fortalecimento desse ramo do saber na América Latina, por meio da fundação de associações profissionais e da execução de Congressos Médicos Latino-americanos. Havia nesses eventos a oportunidade de comunicar e trocar experiências decorrentes de práticas em relação às questões sanitárias. Assim, é oportuno destacar que a área de conhecimento da medicina que mais desenvolvia-se nesse momento era a higiene, constituindo, portanto, o maior número de trabalhos apresentados nesses colóquios médicos.

De fato, os princípios das descobertas pasteurianas causaram uma verdadeira revolução na sociedade, entre os fins do século XIX e início do XX, possibilitando a descoberta de alguns agentes etiológicos causadores de diversas patologias que assolavam a humanidade. Dessa forma, a partir da década de 1870 Pasteur (1822-1895) e outros cientistas lograram êxitos nas suas investigações sobre microrganismos, entretanto foi justamente por meio das técnicas de estudo empreendidas pelo cientista Robert Kock (1843-1910) que outros cientistas passaram a fundamentar-se para os avanços em seus estudos microbiológicos (ROSEN 1994). Por conseguinte, na década de 1880, e nas subsequentes, diversas infecções microbianas foram estudadas com base em sua produção, prevenção e consequências, dando origem a elaboração de diversos fundamentos epidemiológicos que até hoje conhecemos.

Diante do exposto, importa salientar que Octávio de Freitas participou de diversas associações da área médica, como a título de exemplo, a *Sociedade de Medicina de Pernambuco onde atuou ativamente*, como consta nas atas das reuniões da instituição⁵, da qual foi presidente em 1908, 1914 e 1941-1945. Contribuiu também, de modo decisivo para a realização do *I e II Congresso Médico de Pernambuco* realizados em 1909 e 1916. Nesses eventos, foi possível a troca de experiências entre os diversos médicos e outros profissionais de áreas afins. O primeiro encontro resultou nos *Anais do I Congresso médico Pernambucano*, que foi publicado em 1910 pela *Officina Typográfica*, pertencente ao *Diário de Pernambuco*., nele encontram-se o programa do evento, o seu regulamento para a apresentação dos trabalhos e as adesões; posteriormente, divulga os trabalhos

⁵ Esta documentação pode ser consultada na sede da *Associação Médica de Pernambuco (AMPE)* - Rua Oswaldo Cruz, 393 - Boa Vista - Recife/Pe.

apresentados pelos congressistas, relacionados aos diversos ramos da medicina e da saúde pública. Nessa perspectiva, contém comunicações ligadas à terapêutica das doenças, bem como textos relacionados, em número considerável, ao sanitarismo e a higiene, como por exemplo, Os trabalhos de Octávio de Freitas e Arthur Orlando, respectivamente com os títulos de *Importância do Registro Sanitário das habitações como instrumento da defesa higiênica nas colectividades* e *Eros sobre o ponto de vista do Direito Sanitário ou da Higiene Jurídica*. Esses dois trabalhos apontam para a diversidade dos discursos proferidos no congresso, uma vez que Arthur Orlando aborda questões sobre o amor e casamento em sua apresentação, correlacionando-os à higiene pública, indicando, dessa maneira, a profunda relação entre o saber médico e as noções de moralidade construídas no início século XX e que podem revelar as diversas nuances em que se baseiam as falas desses médicos, a exemplo, na nossa pesquisa, de Octávio de Freitas.

Diante do legado documental, como vimos, bastante amplo, por meio da publicação de várias tipologias documentais, decorrentes da diversidade da trajetória profissional do médico Octávio de Freitas, diversos pesquisadores tanto da área de história como também das ciências da saúde, já se utilizaram para compreender os diversos fenômenos que envolviam seus objetos de pesquisas. Objetivamos neste artigo investigar as crônicas médicas, escritas por esse médico, durante as primeiras décadas do século XIX, como estudo de caso, em relação a teoria do campo científico formulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Considerações sobre a crônica brasileira

Antes de analisarmos os textos escritos por Octávio de Freitas, é necessário compreendermos algumas características sobre a crônica. Tal estilo narrativo diz respeito a um gênero jornalístico que é entendido desta forma desde o século XIX. Apesar de inspirada nos moldes europeus, a travessia do Atlântico possibilitou à crônica brasileira sua reinvenção, atendendo as demandas locais (SOARES, 2014). Com a virada para o século XX, a crônica nacional começou a delinear outros contornos, devido à mudança editorial do gênero quando passou a ser publicada também em formato de livros. Esta mudança acabou por conferir outro status a crônica, que por muito tempo foi considerada um gênero literário “menor”.

Brevidade, simplicidade e humor eram as características da crônica, preocupada com as questões cotidianas. Veiculada nos jornais, ela possuía um caráter efêmero, pois sua ligação com o moderno, em que tudo é veloz e cada vez mais fugaz, entretanto quando divulgadas em livros, sua transitoriedade passou a ser repensada (CANDIDO, 1992).

Miranda de Sá (2006) aponta que a produção literária e científica nesse contexto foi resultado do diálogo com a Europa, culminando com a ênfase no cientificismo, constituindo-se, portanto, um dos elementos que compunham o projeto político e intelectual do país. Havia, dessa maneira, um movimento de renovação no campo intelectual e literário do país, principalmente na década de 1920. A influência de gêneros vindos da imprensa francesa, como é o caso da crônica, possibilitou as conquistas de novos espaços para os escritores profissionais.

Dito isso, é perceptível que havia redes de sociabilidades, no Recife do início do século passado, que viabilizavam aos intelectuais fazerem seus textos circularem. Assim, esses letrados estavam ligados a alguma instituição. Desse modo, Octávio de Freitas participava de diversas entidades que lhe possibilitavam a elaboração de estratégias para que suas ideias circulassem em materiais impressos. Foi membro de 37 sociedades científicas, incluindo algumas estrangeiras. Assim, foi integrante da *Academia Pernambucana de Letras* e como dito anteriormente sócio e presidente da *Associação de Medicina de Pernambuco*, onde participou ativamente com importantes médicos de sua época das sessões e eventos da instituição.

De acordo com Barros (1972), nesse período, a imprensa dominava o campo intelectual em formação, e a divulgação e o reconhecimento dos autores davam-se por meio dela, dessa forma, os textos eram impressos em gráficas locais, jornais literários e periódicos locais.

Nesse caminho, localizamos na imprensa elogios, aos textos de autoria de Octávio de Freitas, que revelam o prestígio que ele possuía na imprensa local, na ocasião em que o *Diário de Pernambuco* utilizou as seguintes palavras para descrever o seu novo trabalho intitulado *Dieta e remédios*:

Octávio de Freitas é conhecidíssimo como um dos mais perfeitos e infatigáveis propagandistas da ciência médica. De sua já extensa vida de publicidade, quase nenhum assunto relevante ele tem descurado e de todos sempre tratou com a mais impressionante clareza.

Nos seus escritos nada de termos técnicos, palavras empoladas. A sua proficiência ele a revela, em linguagem simples, mas precisa. E por isso mesmo o que escreve é lido com agrado e assimilado proveitosamente. Para, portanto, comentar um livro de Octávio de Freitas basta dizer que é uma continuação da sua obra de imprensa, com a mesma nitidez e o mesmo saber que até agora tem caracterizado (DIETAS e remédios de Octávio de Freitas, 1914, p. 1).

Entre o cientificismo e o cotidiano: as crônicas médicas de um sanitarista

Octávio de Freitas publicou cerca de 725 crônicas sobre temas diversos, nos principais jornais diários do Recife, em princípios do Século XX (HORA, 1993). Os respectivos textos foram reunidos em cinco obras: *Meus, doentes, meus clientes*; *Problemas médicos*; *Dietas e remédios*; *De calouro a médico e Ideias e conceitos*. Seus memorialistas sugerem que seus textos possuíam uma boa circulação, o que fez dele um dos escritores mais lidos na época no nordeste brasileiro (MIRANDA, 1993). Importa ressaltar que o acesso à instrução e à leitura no início do século passado eram bem restritivos.

É notório destacar que em várias capitais do país, médicos, de modo semelhante a Octavio de Freitas, produziram textos de caráter literário e obtiveram reconhecimento dentro desse campo de produção intelectual. Assim, ao organizar e publicar as crônicas em formato de livros, denota-se a intenção de Freitas em tornar algo considerado efêmero, como era a crônica publicada em periódicos locais do Recife, em algo que pudesse ter um caráter permanente no universo da escrita.

À vista disso, conforme aponta a historiadora Guimaraes Neto (2010), as crônicas possuem uma relação com a história, do ponto de vista de que ambas possibilitam a fabricação de memórias. Sendo assim, por se constituírem de tramas textuais, são, portanto, documentos e necessitam serem interpretados. Dessa forma, importa destacar que esses textos, produzidos por Freitas revelam apenas uma versão da história médica, construídas sobre suas experiências e saberes ao longo de sua trajetória de vida pessoal e profissional⁶, baseados nos saberes microbiológicos em ascensão e que silencia ou desqualifica, em diversos momentos os saberes oriundos de práticas de saúde popular.

⁶ Bourdieu (2006) aponta que se deve ficar atento para a ilusão biográfica na qual a falsa ideia de uma trajetória linear e coesa seria possível.

Nesse sentido, Octávio de Freitas, em suas crônicas, abordou diversas doenças, entre elas: o câncer, a tuberculose, a cólera, a frialdade, a anemia, os problemas gástricos e a doença de chagas. Como já abordamos, foi nesse contexto do início do século XX que os conhecimentos microbiológicos estavam estruturando-se e ganhando divulgação, não apenas na comunidade científica, como também na imprensa, por meios de diversos artigos publicados nos principais jornais do país. Para ilustrarmos essa questão, o *Diário de Pernambuco* publicou, em 8 de dezembro de 1901, um artigo intitulado *A questão do micróbio*, destacando a dimensão e a importância dos princípios científicos desse conhecimento:

A questão do micróbio é uma das mais temerosas da hora, atua o infinitamente pequeno morbífico que nos atormenta. Sofremos todos sépticos ou crentes a perturbadora sugestão do bacilo **ou do micrococcus** [sic]. Esse Deus ex-machina da medicina contemporânea tem por si uma imprensa inesgotável e exércitos de esculápios especialistas rendem-lhe culto, nos dois continentes. O dogma microbiano reina e governa a maior parte das doenças de aparência mais ou menos propagadora tem seu micróbio titulado, ou seu micróbio presuntivo, desde a **tuberculose** e o cancro ao reumatismo e o furúnculo, e até a lamentável calvice [...].

Tudo que tem contato conosco deve ser-nos suspeito: micróbio de marca enchem as moedas, os bilhetes de banco, os alfarrábios das bibliotecas e papeis dos arquivos e até as pias d'agua bentas (SUNI, 1901, p. 1, grifos do autor).

Nessa perspectiva, em 1912, o livro *Problemas médicos* foi publicado pela *Imprensa Industrial*. Esse livro reunia as crônicas médicas escritas por Octávio de Freitas no *Diário de Pernambuco*. A intenção do autor era divulgar diversos conceitos importantes da medicina para o público em geral.

A primeira crônica desse livro foi sobre o câncer. Imbuído dos conhecimentos microbiológicos Freitas indica nesse texto sua suspeita de que o câncer teria relação direta com os famosos “germens”, nos solos das habitações. Dessa forma, acreditando numa medida plausível para o combate à doença afirma que: “Como fator primordial façamos sistematicamente o registro sanitário das habitações, o registro patológico de cada casa e deste modo poderemos, com segurança, atacar o mal no seu principal e formidável reduto” (FREITAS, 1912, p. 11). Octávio questiona a validade da exclusividade do conceito da hereditariedade das moléstias cancerígenas e defende a mudança da noção do câncer como uma doença familiar para uma doença social.

Outro conjunto de textos, nesse mesmo gênero, é o livro *Meus doentes meus clientes*, que é composto por crônicas que foram publicadas no *Jornal do Recife*. Freitas defende que denominar os doentes de clientes seria distinguir abertamente os enfermos que se encontram em hospitais e os pobres que são atendidos de forma gratuita, daqueles que pagam em dinheiro pelo atendimento. Nessa perspectiva, Octávio aponta o papel social da medicina, a qual ele denominava de “divina ciência” (FREITAS, 1943, p. 23).

Nessa perspectiva, o respectivo médico revela sua visão acerca da prática médica, na qual ele buscava fundamentar-se, ao afirmar que: “A medicina moderna é mais que a arte de curar, dos antigos discípulos de Galeno, depois que Pasteur lhe imprimiu feição profilática e higiene que ela, hoje possui” (FREITAS, 1923, p. 6). Desse modo, como abordamos anteriormente, por diversos momentos, Freitas ocupou cargos importantes na gestão dos serviços de saúde em Pernambuco e defendeu a melhoria urbana da cidade do Recife para viabilizar condições de melhor salubridade para a população, buscando, assim, evitar a proliferação de diversas moléstias presentes no início do século XX.

A tuberculose foi tema de algumas de suas crônicas. Freitas combateu essa enfermidade de forma contundente, como já relatamos, por meio da criação da *Liga Pernambucana Contra a Tuberculose* em agosto de 1900. Fundou três dispensários, em 1904, 1913 e 1937, que foram referências na prevenção e no tratamento da tísica para a população pobre.

A LPCT atuou ativamente no combate à doença, por meio dos dispensários. O contato de Octávio de Freitas com os conhecimentos adquiridos nas suas viagens à Europa viabilizou a aplicação de novas técnicas para diagnosticar a tuberculose. Assim, por meio da atuação de Octávio e dos médicos que compunham a LPCT, foi possível a elaboração de medidas legais que objetivassem evitar o contágio da respectiva doença.

Nesse sentido, é perceptível nas suas crônicas a relação entre o conhecimento médico e as questões sociais. No seu texto sobre o leite, Octávio defendeu a manutenção de uma boa alimentação para toda a população, independentemente da classe social à que pertencia. Deste modo, argumentou que:

Na múltipla, complexa e delicada questão da higiene social atinge ao leite, gênero alimentício do mais alto valor e interessa-nos, principalmente, a sua boa

qualidade e o preço pelo qual, em semelhantes condições, possa ele ser fornecido aos consumidores.

No entretanto, como é fácil de perceber-se, estes dois elementos primordiais do problema, se chocam e se contradizem.

O leite bom não pode deixar de ser relativamente caro, o que para logo se estabelece uma antinomia entre o ponto de vista higiênico, que não pode ser satisfeito senão com um argumento notável dos preços, e o ponto de vista sociológico, que exige, ao contrário, preços compatíveis com as bolsas minguadas da classe média e do proletariado (FREITAS, 1912, p. 13-14).

Compreendemos, assim, que as questões sociais compunham seus argumentos sobre a higiene e a medicina preventiva. Imerso num contexto de grandes transformações urbanísticas, seus textos contaminam-se das questões sociais em tela nos princípios do século XX.

Nessa diretriz, seguindo uma linha de trabalho voltada para a medicina higienista e sanitaria, Octávio escreveu textos em que defendeu a prevenção de doenças como um elemento crucial na sua carreira profissional. A alimentação, por exemplo, foi um tema recorrente em suas crônicas, como no texto a seguir:

Ali, um outro, amante do indicioso baco, que abusou das bebidas espirituosas.

Além mais outro que se utilizou de comidas muito, ou esquisitamente condimentadas - pimentas, mostardas e quejandos irritantes -; que se afastou por motivos vários do seu regime alimentar de todos os dias; fumou demasiadamente, entregou-se finalmente, a grandes vigílias e grandes fatigantes trabalhos, quer físicos, quer intelectuais (FREITAS, 1912, p. 96).

Nesse texto, o cronista buscou defender a relação entre a alimentação e as questões do cotidiano da saúde da população, dentro de uma perspectiva da necessidade do exercício de hábitos saudáveis.

Seguindo esse caminho, em 1915, publicou em *Dietas e Remédios* um conjunto de textos em que destacava sua preocupação com a boa nutrição a fim de evitar doenças ou tratar os indivíduos que já estivessem doentes. Ele defendia a busca clínica para conhecer o perfil de cada paciente ao afirmar que: “Não há uma só dieta, abrangendo todos os indivíduos nas múltiplas circunstâncias de vida [...]. Conhecer as trocas nutritivas no estado normal e no estado patológico é a segunda condição que exige para o assunto ser tratado com segurança” (FREITAS, 1915, p.

16). Já no prefácio dessa obra Freitas buscou formular para os seus leitores a sua visão sobre a prática médica e a cautela no uso dos medicamentos, ao escrever as seguintes palavras:

As dietas e os remédios que se acham aqui formuladas ofereço aqueles dos meus leitores, que confiantes nos meus processos clínicos, deles carecerem.

Isto não significa, porém o desejo de ter em cada um deles um doente para curar com os conselhos que muito desataviadamente dou nas minhas crônicas dietéticas terapêuticas.

Pelo contrário o meu maior desejo é que todos eles, retemperados pela mais vigorosa e estável saúde, passem uma página por uma do meu **formulário** sem encontrar utilidade alguma naquelas **drogas** todas, escolhidas aliás entre as que mais benefícios, conforme é voz corrente, tem efeitos aos que sofrem qualquer contra tempo mórbido diatésico ou anafilático.

Que eles repassem todas as minhas receitas e ao chegarem à última exclamem justamente orgulhosos: - Felizmente de nenhuma delas carecemos. Assim ficaremos todos muito contentes e amigos porque os meus leitores não experimentando senão por leitura os Remédios e as dietas nunca terão motivos de falar mal deles, pois é um axioma muito conhecido em terapêutica e muito verdadeiro, que uns e outras tem as suas indicações e as suas contra-indicações.

Daí, dadas certas inoportunidades, eles serem, as vezes maus para todo mundo (FREITAS, 1915, p. 5-7).

Influenciado pelo cientificismo vigente e os conhecimentos bacteriológicos, Freitas publicou uma crônica sobre a preguiça. Neste texto ele afirma que o preguiçoso deve ser tratado como um doente que necessita ser medicado, elencando casos de pessoas que estão se recuperando de algumas doenças e ainda não se encontram com a saúde reestabelecida. Outras situações seriam referentes aos indivíduos que já possuem a doença incubada e que logo manifestará os sintomas. De certa forma, ele afirma que existem casos de preguiças que não se relacionam às doenças; mesmo assim ele não busca recriminar, diante de que: “Em tais casos de preguiça não será um defeito a corrigir. Ela é fisiológica ou mental, e por isso mesmo instintiva e natural” (FREITAS, 1923, p. 38).

Fica evidente nesses escritos a tentativa de medicalizar a sociedade, instruindo a prática de “bons hábitos” a homens e mulheres. Diante do exposto, é preciso esclarecer que em princípios do século XX, estava buscando-se construir uma sociedade moderna e segundo esse ponto de vista seria necessário o redirecionamento de novas condutas, em sintonia com os novos preceitos

de higiene, contudo diversas práticas higienistas ocorreram de forma autoritárias e excludentes, favorecendo padrões de comportamento vinculados a grupos elitistas que almejavam continuar exercendo seu lugar de dominação social. Desse modo, não foram raros as resistências e os desencontros entre os anseios do Estado, da classe média, das elites e da população pobre, na elaboração de práticas que visavam modernizar a sociedade brasileira, no alvorecer do século XX; basta lembrarmos a Revolta da Vacina em 1904⁷, ocorrida no Rio de Janeiro. Desse modo, o mercado profissional da medicina alopática buscava sobrepor-se, a todo custo, aos serviços terapêuticos oriundos de práticas populares ligados à formação cultural brasileira.

Considerações finais

Octávio de Freitas foi um profissional extremamente atuante durante as primeiras décadas do século XX, ao ocupar diversos cargos públicos, na área da saúde pública, aplicou os preceitos e técnicas relacionados aos conhecimentos bacteriológicos. Ao longo de sua trajetória deixou um legado escrito por meio da imprensa, livros, relatórios técnicos e das aulas em que ministrou na *Faculdade de Medicina do Recife*. Participou de associações médicas e promoveu, em conjunto com outros médicos, a realização do *I e II Congresso Médico Pernambucano* em 1909 e 1916.

Desse modo, Freitas buscou em suas crônicas divulgar os conhecimentos da medicina alopática. Todavia, cabe reafirmarmos que seus textos são apenas uma versão acerca da medicina de caráter científico da qual fazia parte, suas palavras foram, portanto, permeadas de escolhas e silenciamentos relacionados a sua formação profissional e cultural.

Pode-se afirmar que ele era um homem de imprensa e a cada escrito construía sua autoridade no campo da saúde pública. Produziu suas próprias ferramentas para ler o mundo do qual fazia parte, inserido em redes de sociabilidades relacionadas ao campo médico. Em seus textos ele imprimia sua visão de mundo, buscando refletir sobre o papel do médico na sociedade e estava atento às mudanças de comportamento pelas quais a população pernambucana estava passando, com o acelerado processo de modernização vigente. Constitui-se, portanto, o

⁷ Para ver sobre a Revolta da Vacina consultar a seguinte obra: SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

respectivo médico um importante personagem para os pesquisadores que desejarem compreender o contexto da medicina e da saúde pública, em Pernambuco, no alvorecer do século XX.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médicos-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde -Manguinhos**, v. 13, n. 3, p. 733-757, jul. /set. 2006. Acesso em: <http://www.redalyc.org/pdf/3861/386137991010.pdf>. Acesso em 2 jun 2016.

AGUIAR, Antônio Soares. Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 100-118.

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro: s.n., 1972.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz; trad. Aula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. **Annaes...** Off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910.

DIETAS e remédios de Octávio de Freitas. Recife, Imprensa industrial. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 90, n. 171, p. 1, 2. Jul. 1914. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

FREITAS, Octávio de. **Dietas e remédios**. Recife: Imprensa industrial, 1915.

_____. **História da Faculdade de Medicina no Recife: 1895-1943**. Recife: Ed. Universitária, 2010.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 300, p. 3, 31 de out. 1918. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 jul. 2016.

_____. **Medicina e costumes do Recife antigo**. Recife: Imprensa Industrial, 1943.

_____. **Meus doentes, meus clientes**. Recife: Imprensa industrial, 1923.

_____. **Minhas memórias de médico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. **Problemas médicos**. Recife: Imprensa industrial, 1912.

_____. **Os trabalhos de hygiene em Pernambuco: relatório apresentado ao secretário geral do Estado**. Recife: Oficinas Graphicas da Imprensa Oficial, 1919.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Repertório estatístico no Brasil, quadros retrospectivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. v. 1. p. 13. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v1.pdf. Acesso em: 14 abr. 2017.

HORA, Bianor. Octávio de Freitas na literatura não médica. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 281-288.

MIRANDA DE SÁ, Dominich. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MIRANDA, Waldemir. Octávio de Freitas na Academia Pernambucana de Letras. In: TAVORA, José Geraldo (org). **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 215-218.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX: uma breve história**. Rio de Janeiro: É Realizações Editora, 2014.

SUNI, Mikael. A questão do micróbio. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 78, n. 191, p. 1, 8 dez. 1901. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 jul. 2017.